

ANTROPOCENO LITERÁRIO: A POÉTICA DA DESTRUIÇÃO DE MILTON HATOUM

LITERARY ANTHROPOCENE: MILTON HATOUM'S POETICS OF DESTRUCTION

Rayniere Sousa

Universidade Federal do Mato Grosso

Resumo: Um dos traços estilísticos de Milton Hatoum é o esfacelamento de memórias evocadas mediante o retorno ao passado. Assim, seleciono como objeto de análise a primeira publicação do autor, sua participação em *Amazonas - Palavras e Imagens de um Rio Entre Ruínas* (1979). A vertente de produção literária serve como instrumento para pensar a destruição como fator de mudanças percebidas no meio estético. Para isso, refletir sobre as ruínas de um norte em processo de modificação requer a revisita aos textos de Walter Benjamin (1928; 1984), de Susana Scramim (2000; 2010) e de Sonia Torres (2017; 2020). Mediante a delimitação dos pontos norteadores, percebo, de antemão, que a poesia de Hatoum remonta as catástrofes potencializadas pela intervenção humana como fulcro de sua poesia, dando novas tonalidades aos espaços marcados, então, pelo caos que origina o trauma e delimita um ambiente esboroado, acionando o conceito do chamado Antropoceno literário. Por isso, o estudo em fase experimental, percebe a Amazônia como um dos alvos das transformações poetizadas pelo autor.

Palavras-chave: Antropoceno literário; poética da destruição; Milton Hatoum.

Abstract: One of Milton Hatoum's stylistic traits is the shattering of memories evoked by returning to the past. Thus, I select as an object of analysis the author's first publication, his participation in *Amazonas - Palavras e Imagens de um Rio Entre Ruínas* (1979). The aspect of literary production serves as an instrument to think about destruction as a factor of perceived changes in the aesthetic environment. For this, reflecting on the ruins of a North in the process of modification requires revisiting the texts of Walter Benjamin (1928; 1984), Susana Scramim (2000; 2010) and Sonia Torres (2017; 2020). Through the delimitation of the guiding points, I perceive, in advance, that Hatoum's poetry dates back to catastrophes made possible by human intervention as the fulcrum of his poetry, giving new tones to the spaces marked, then, by the chaos that originates the trauma and delimits a crumbling environment, triggering the concept of the so-called literary Anthropocene. Therefore, the study in experimental phase, perceives the Amazon as one of the targets of the transformations poetized by the author.

Keywords: Literary Anthropocene; poetics of destruction; Milton Hatoum.

Recebido em 31 de março de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Introdução

Estar imerso em uma fase catastrófica faz dos partícipes do evento uma reunião de vozes capazes de narrar tais episódios. Não necessariamente, isso se torna uma máxima, mas há uma grande possibilidade de instauração do estado de cegueira diante da tentativa, por vezes vã, de elaboração dos traumas suscitados pelas experiências humanas. Dada a motivação mencionada, surgem as criações literárias de Milton Hatoum, autor de livros com adaptações para as narrativas fílmicas, para os seriados nas plataformas de *streaming* e para outras formas artísticas, como as histórias em quadrinhos.

Então, pretendo analisar a partir de um recorte da produção poética de Milton Hatoum – ainda pouco investigada pela crítica especializada – aquilo que chamo de arquitetura poética da destruição: campo propício ao traço denominado Antropoceno literário. Nesse sentido, embaso as argumentações nos ensaios benjaminianos, para que assim seja possível averiguar a construção de uma rede alegórica da noção de ruínas em dois poemas publicados em diferentes fases intelectuais de Hatoum. Situo as incursões como uma irrupção mediante as leituras de *Rio entre ruínas* ([1979] 2000) e de *O fim está próximo* (2019).

Para tanto, revisito ensaios de Walter Benjamin ([1928] 2020; [1984] 2012), de Susana Scramin (2000; 2010) e de Sonia Torres (2017; 2020). Desse modo, assim como na alegoria do pássaro que cai num terreno novo, presente no primeiro poema do autor, busco a materialização de possibilidades de leituras da obra de Milton Hatoum, o que pode reafirmar um estudo da condição humana no qual a instrução caótica, a destruição e a decadência funcionam como pontos fulcrais de sua constituição.

1. Os processos de esboroamento

Início as argumentações partindo de um discurso acerca dos questionamentos em torno das ruínas. A primeira edição da *Babel: Revista de poesia, tradução e crítica* (2000) foi o veículo responsável por publicar uma parte da produção poética de Milton Hatoum. Na verdade, ocorreu uma nova edição de parte da poesia do autor. Desde a capa da revista, no qual figura *Ruínas de um cemitério de elefantrens*, de Ademir Demarchi, a ideia da reflexão por intermédio dos resquícios, marcados pela destruição e pela passagem do tempo, está presente. O editorial número um do periódico justifica a revisita aos

apontamentos contidos nele. Afinal, ele retrata um ponto de partida que se mostra efetivo, porque:

Ruína é resto, rastro – rosto. Por isso está diretamente relacionada a cultura. É o lixo em decomposição de algo que já foi (potente) vivo, vital, nem por isso triste aos olhos do homem que nele remexe operando a própria entranha como rato de si mesmo. Paradoxalmente, a ruína pode se tornar potência quando reciclada, ganhando novos usos, tornando-se um motor de sentidos que, antropofagicamente usada, pode ser nutricional. O trem da capa é uma ruína, um motor morto que se decompõe em Paranapiacaba, ao lado de inúmeros outros: símbolo do progresso sireno deste século que não acaba e que adormece no platô onde o *cadillac* verde do modernismo parava no alto da serra para ver o mar. 1922 foi otimista como um trem (DEMARCHI, 2000, p. 4).

Tomado pelas provocações e pelas alegorias, percebo um ato ousado delimitado pelo próprio editor da revista: o lançamento de um veículo de fomento cultural. Aproprio-me das proposições, para que assim seja retomado o trajeto das cinzas e das ruínas, daquilo que é indicado como percurso profícuo, porque a partir dos restos do processo de destruição – o ato antropofágico – irrompe o interesse investigativo, por conta da forte demarcação pessimista do discurso.

Aciono as relações com as reflexões do filósofo alemão Walter Benjamin (1892—1940). O pensamento do materialista histórico é marcado por uma visão catastrófica da realidade, não à toa, seu trágico fim é o ápice da convergência de uma argumentação que tende ao pessimismo elaborado com base na realidade experienciada, em face da experiência destrutiva. O filósofo vivenciou o período entre guerras, foi perseguido politicamente e, acredito não ter visto outra forma de escapar da perseguição, além do suicídio.

Nas circunstâncias estabelecidas, pensar a escrita de Hatoum parte de um exercício que se liga diretamente ao campo mnemônico, tornando-se uma máxima comprovada por uma breve incursão nos textos constituintes da fortuna crítica do autor. Não pretendo elaborar uma discussão que parta desse pressuposto como ponto fulcral da estilística adotada. A partir dos levantamentos, tomo outro ponto enfático nas produções literárias de Hatoum: a ideia de esboroamento como resultado do Antropoceno, aqui tratado pelo viés estético, sobretudo literário.

Atravesso, então, as formulações filosóficas do alemão, lançando-me numa passagem pelo pensamento do autor, com o intuito de recolher suas impressões a partir das críticas que versam acerca do meio estético, artístico e político. Em sua tese de livre

docência submetida à Universidade de Frankfurt, Benjamin (2020) parte do drama trágico alemão para propor uma nova concepção do estilo de época denominado como Barroco, negado como tal por muitos literatos por um longo período.

Os abalos propostos por ele partem de uma inquietação diante das circunstâncias do contexto, Benjamin (2020) analisa o movimento de resgate dos valores desse momento, referenciado posteriormente como neobarroco. Mediante as considerações, pontuo que a destruição e a visão antitética podem ser elencadas como traços estilísticos barrocos. Tais traços interessam-me para a constituição da substância teórica do presente estudo.

Em continuidade, no texto também são encontradas referências ao modo de concepção que aproxima as questões relativas à ciência e à arte, o que figura no pensamento benjaminiano como um mecanismo de interpretação, diretamente explícito sobre o direcionamento pela chancela do método científico e da verdade. Dessa forma, compreendo um pensamento do drama barroco a partir de uma noção de ruptura com a ideia de continuidade dos pressupostos da tragédia grega. Para um melhor diálogo, recorro às palavras de Sergio Paulo Rouanet (1984, p. 15-16), na apresentação da primeira edição brasileira do texto. Principalmente, quando o pesquisador afirma que:

[...] o drama barroco é uma idéia (sic), e vale para ele o que vale para as outras idéias (sic): essa idéia (sic) tem de ser representada, através da “salvação”, pelo conceito dos elementos, a partir dos extremos. [...] A forma do drama barroco seria construída assim pelo confronto desses extremos, sem que esse critério estético invalidasse a importância das obras menores para a determinação da forma, que transparece, pelo contrário, com maior evidência nas suas realizações secundárias.

Para Benjamin (2020), como bem pontuou Rouanet (1984), o conflito barroco clássico, entendo como a fundamentação dialética, está presente nas discussões a partir do momento cujo embate transpõe-se para a linguagem. Sobretudo, quando é percebido que a linguagem é norteadada pela natureza conflitiva entre os pares *nomeação* e *significação*. Assim, cristaliza-se no argumento benjaminiano a necessidade de retorno às origens, apontamento que fornece o âmago da visão crítica do filósofo. Afinal,

[a] análise estrutural, através dos extremos desemboca na origem, e revela o segredo do nascimento do drama. Ele surgiu a partir do pensamento histórico do Barroco, do mesmo modo que uma análise estrutural semelhante feita para a tragédia grega mostraria que ela nasceu no solo do pensamento mítico (ROUANET, 1984, p. 20-21).

O ensaísta encaminha suas considerações para aquilo que figura como uma perspectiva voltada ao limiar da história e da natureza como origem do ser humano. Entendo que se trata de uma visão acerca da conexão homem-natureza como fundação da existência humana. A alegoria presentificada no discurso benjaminiano, também recebe referência em Rouanet (1984), mediante a declaração da ruína como processo de transição ao longo dos períodos históricos marcados pela situação retratada, tanto de modo individual, quanto de maneira coletiva.

Para isso, Rouanet (1984) faz uso de alegorias que podem ser assertivas para o discurso construído: circunscrevo o mundo como *um espaço arruinado e as caveiras*. O primeiro elemento alegórico está ligado ao plano coletivo e, conseqüentemente, o segundo dialoga com a figuração individual. A discussão é ratificada no trecho que Benjamin (2020, p. 34) pensa a movimentação, porque:

[...] apesar de ser uma categoria plenamente histórica, a origem (*Ursprung*) não tem nada em comum com a gênese (*Entstehung*). “Origem” não designa o processo do devir como um redemoinho que arrasta no seu movimento o material produzido no processo de gênese. O que é próprio da origem nunca se dá a ver no plano do factual, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista duplo, que o reconhece, por um lado como restauração e reconstituição, e por outro como algo de incompleto e inacabado. Em todo o fenômeno originário tem lugar a determinação da figura através da qual uma ideia permanentemente se confronta com o mundo histórico, até atingir a completude na totalidade da sua história. A origem, portanto, não se destaca dos dados factuais, mas tem a ver com uma pré e pós-história. Na dialética inerente à origem encontra a observação filosófica o registro das suas linhas mestras. Nessa dialética, e em tudo que é essencial, a unicidade e a repetição surgem condicionando-se mutuamente (BENJAMIN, 2020, p. 34).

Por intermédio da passagem, realizo um apontamento crucial para a apreensão dos argumentos benjaminianos: o retorno à origem para a fundação de uma nova experiência. Sendo capaz de irromper uma nova questão, o que também caracteriza uma forma de refuncionalização ou aquilo que o filósofo apresenta como uma descoberta do exercício nas outras movimentações efetivadas por ele em seus ensaios. Pontuo, por exemplo, as considerações que Benjamin (2012) faz acerca da faculdade mimética própria dos seres humanos.

Para ele, principalmente nas fases iniciais, como a infância, as crianças são capazes de ultrapassar as limitações de uma mera atividade reprodutiva dos elementos percebidos nas vivências adultas. Uma questão abordada pelo filósofo em *Doutrina das*

semelhanças, seria a fragilização das relações no convívio humano. A chave de interpretação do problema é resultado das transformações, tanto nas configurações espaciais, quanto temporais, porque como declara Benjamin (2012, p. 118): “[...] no decorrer dos séculos a força mimética, e com ela o dom da apreensão mimética, abandonou certos campos, talvez para desaguar em outros”.

Acredito que o conjunto de ideias tende para uma determinada reunião de preceitos fundamentais, a noção de uma doutrina que tudo gerencia, no que tange aos domínios humanos, talvez seja mais uma forma do filósofo evidenciar a sua posição diante do processo de desintegração humana e, conseqüentemente, de suas faculdades. Outrossim,

[o] dom de ver semelhanças, do qual dispomos nada mais é que um fraco resíduo da violenta compulsão, a que estava sujeito o homem de tornar-se semelhante ia muito além do estreito universo em que hoje podemos ainda ver as semelhanças. Foi a semelhança que permitiu, há milênios, que a posição dos astros produzisse efeitos sobre a existência humana no instante do nascimento (BENJAMIN, 2012, p. 122).

O lampejo perceptível na composição do pensamento benjaminiano promove uma interseção com um outro ponto decisivo na constituição das argumentações do filósofo: a experiência. Sobretudo, a queda ou, apropriando-me dos termos utilizados por ele, o seu empobrecimento. A associação, é possível a partir das leituras de um outro ensaio que acrescenta novas discussões aos conceitos revisitados. *Experiência e pobreza*, dialoga diretamente com esse argumento. Para Benjamin (2012, p. 124-125), o empobrecimento parte como saldo das exposições catastróficas experienciadas no contexto histórico analisado, porque:

Não está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história universal. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes voltaram silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário dez anos depois continham tudo menos experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente, desmentidas, que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes.

A partir das referências, situo o cerne da perspectiva benjaminiana sobre a vertigem que circunda a experiência. Benjamin (2012) não acredita numa delimitação

exclusiva no terreno individual, pelo contrário, há uma expansão e uma possibilidade de ligação da problemática como algo pertencente aos seres humanos de modo geral. Por isso, encontro justificativa para a conhecida menção aos atos de barbárie serem determinados por meio dos mais distintos limites, incluindo o fazer estético. Por fim, concordo com a via interpretativa proposta pelo filósofo: os indivíduos procuram uma exibição do esvaziamento de experiências. Depreendo que se trata de um ato de libertação, um indício do exercício de gerenciamento de experiências humanas. Por conta que:

[f]icamos pobres. Abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. A crise econômica está diante da porta, atrás dela uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade tornou-se hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não serem mais humanos que a maioria; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Os outros, porém precisam arranjar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dois homens que fizeram essencialmente novo uma coisa sua, com lucidez e capacidade de renúncia. Em seus edifícios, quadros e histórias a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro: perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia irá retribuir-lhe com juros e com os juros dos juros (BENJAMIN, 2012, p. 128).

Até o presente instante (que está em constante modificação), como bem pontua o filósofo, reafirmo que o estado de colapso oriundo ou acentuado pelo progresso e pelas transformações é pautado na máxima benjaminiana que se tornou tão referenciada por conta de suas argumentações pessimistas com fundamentação na realidade vivenciada.

2. As ruínas e o Antropoceno na literatura

A tarefa de atravessar os escritos benjaminianos e a tentativa de revisitar suas proposições ensejam a discussão sobre as ruínas, da qual acredito na possibilidade de estabelecimento de uma leitura que seja capaz de atuar nos limiares da destruição como extermínio e/ou como salvação, como tarefa messiânica e como materialidade de uma atitude capaz de quebrar o círculo de esboroamento instaurado.

Tomado pelos estudos que se dedicam a percorrer os caminhos teóricos abertos pelos ensaios benjaminianos, pretendo, com isso, aproximar o enfoque do estudo com as ruínas alegorizadas na escrita poética de Hatoum. Para isso, referencio o texto de Elane

Oliveira (2012) que acredita na posição de alegorista ensejada pela postura crítica adotada pelo filósofo. Para Oliveira (2012), os escritos de Benjamin refletem a ideia de ruína sobre os processos historiográficos e sobre as manifestações artísticas, essencialmente, porque:

Walter Benjamin se ocupa da tarefa do alegorista ao trazer significados para o fragmento, o estilhaço, o objeto deslocado do tempo linear. A ruína carrega uma força histórica de apontar para aquilo que não foi, mas poderia ter sido. Essa possibilidade de romper com o tempo progressivo e impedir o ritmo da natureza também se expressa no caráter destrutivo, do qual Benjamin destaca o potencial de antecipar-se à catástrofe final pela consciência histórica das ruínas (OLIVEIRA, 2012, p. 1).

Segundo a visão referenciada, justifico a noção de um *progresso inevitável*, discutida nas famosas teses benjaminianas. Cogito o estabelecimento de uma linha interpretativa da alegoria: para o filósofo, o caos instaurado a partir do empenho humano progressivo, por mais que isso implique uma onda massiva de destruição e de falência de instituições, não é inibido. Ainda de acordo com Oliveira (2012), mediante uma espécie de reunião ou recoleção de fragmentos do processo, são construídas as alegorias, porque “[n]esse gesto de criação, a alegoria é violenta, pois extrai do fluxo da história-destino um fragmento da intemporalidade. A violência carrega um sentido positivo, pois quer redimir pelo conhecimento” (OLIVEIRA, 2012, p. 4).

Ademais, tomado pela concepção do Antropoceno, relaciono a revisita ao pensamento alusivo à construção de um projeto destrutivo percebido pelos efeitos da intervenção humana no meio ocupado. Com base no pensamento de Sonia Torres (2017), a reflexão não está restrita apenas aos estudos geológicos, principalmente, por conta dos impactos notados em diversos setores, dentre eles o contexto artístico. Portanto, tomo o termo na concepção apresentada pela pesquisadora para refletir acerca do que denomino como *Antropoceno literário* ou mais especificamente, *Antropoceno na literatura*. Conforme o estudo mencionado,

[o] conceito de antropoceno serve para designar um momento histórico mundial: tudo que é construído pelos humanos e que interfere nos sistemas naturais, engloba, em grande medida, as mudanças paradigmáticas que estamos testemunhando nas áreas de inteligência artificial, neurociência, biologia e biotecnologia, entre outras, e nos lança em uma seara de incerteza tanto científica quanto discursiva. Por conta da intercontaminação natureza-cultura, a humanidade será levada a defrontar-se com novas consequências organizacionais que urge repensar o que vou chamar aqui (talvez não muito acuradamente) de “princípios holocêntricos”. Justifica-se, portanto o emprego do conceito para sinalizar o momento não somente geológico do planeta [...],

mas histórico e cultural da humanidade – a realidade subjacente ao conceito (TORRES, 2017, p. 94-95).

Sendo possível, a partir da análise do Antropoceno como traço estético (e não apenas conceitual de determinadas áreas do conhecimento, como as citadas pela pesquisadora), a exploração por intermédio dos estudos literários para além do conceito, como apontado. Em continuidade, trata-se de uma questão que pode funcionar como mecanismo de interpretação para os efeitos das transformações do homem, tomado como sinônimo da alteração e da introdução do caos, seja por meios violentos, como as guerras e a perspectiva do silenciamento, pontuada pelos estudos benjaminianos; seja pela noção socioambiental alvo de constante exploração, propriamente dita. Em outro texto, Torres (2020) realiza uma conexão com as mesmas configurações que constituem o ponto de vista que defendo. Afinal,

[o] sentimento de “fim” (da história, do tempo, da narrativa) resultante do corte epistemológico ocorrido na modernidade tardia, entendido como o fim da era das grandes narrativas formadoras da modernidade ocidental, dá lugar a um sentimento de perda – ontológica, mnemônica, ideológica e ambiental. Tais perdas nos leva a ter o olhar crescente voltado (ainda que com trepidação) para o futuro (TORRES, 2020, p. 102).

A materialização do diálogo com o futuro não está tão clara nos argumentos benjaminianos, por conta do lançamento de uma ótica voltada às relações entre passado e presente, mas acredito que a relação do materialismo histórico com o tempo funciona como uma projeção dos caminhos incertos de um futuro que pode existir. Os poemas de Hatoum realizam uma projeção acerca do futuro, essencialmente, quando divagam mediante questionamentos sobre a possibilidade de relações entre o homem e o meio ambiente. Não acredito que o exercício analítico compreenda um estudo ecocrítico, assim como Torres (2017) declara, mas a percepção do Antropoceno literário pode indicar caminhos exploratórios frutíferos para o estudo da atual condição humana. Em um nível situacional, seleciono outro trecho fundamental para a concepção aqui construída:

[é] importante registrar, ainda, o diálogo da ciência ambiental com a memória; e de ambas com a literatura. Em conformidade com esta observação vemos que grande parte da ficção especulativa produzida na atualidade se desenrola em cenários futuros caracterizados pelo colapso socioeconômico e ecológico – frequentemente representando desastre ou catástrofe, escassez, contágio e contaminação[,] [...] todas encenam memórias culturais do Antropoceno, de eventos que estão se desenrolando no momento histórico da produção e consumo dessas obras, nos levando a questionar o papel da ciência da

tecnologia e do mercado nos eventos atuais que levarão a situações limite (TORRES, 2020, p. 108).

Dessa maneira, ocorre a circunscrição do Antropoceno literário como um elemento “passível de rastreamento. O fato é que o Antropoceno é, ao mesmo tempo, traço, inscrição, registro, cicatriz, arquivo...” (TORRES, 2020, p. 110). Um arquivo configurado pelos moldes das constantes marcas do apagamento e da alteração de tais constituintes. A memória dos rios, das florestas e da fluência da natureza, de modo geral, na poesia de Hatoum é demarcada fortemente pelos apontamentos da pesquisadora. Portanto, busco a partir de então um percurso pelas alegorias poéticas, para compreender quais mecanismos são decisivos na configuração do espaço amazônico e de seus desdobramentos marcados pelo processo caótico instaurado mediante a existência humana.

3. O Antropoceno como motivação existencial e poética

Percebo que as alegorias benjaminianas lançadas sobre o processo de esboroamento podem se dar de duas maneiras: a partir do trato literal das questões humanas com uma espécie de curadoria dos efeitos das catástrofes ou ainda, por intermédio de um trabalho simbólico dos episódios. Um exemplo para a segunda alternativa, seria a fragilização do ímpeto narrativo ou a exposição às experiências radicais (como o caso dos soldados nas guerras).

O apontamento serve como partida para as análises em torno das produções poéticas de Hatoum. A temática do desenvolvimento humano embasado na exploração capitalista sem uma preocupação com o possível (e cada vez mais real) esgotamento de recursos naturais, sem contar nas consequências das respostas dos processos naturais, mediante a intervenção humana, como as secas e as enchentes nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, estão presentes na escrita poética do autor. Quando os fatores não são criados por conta das interferências humanas, eles são intensificados e acelerados.

O poema *Rio entre ruínas* (2000) possui seis estrofes e materializa a divagação em torno dos procedimentos destrutivos do rio. Diretamente voltado ao alvo da destruição, os versos apresentam a própria natureza do rio. O recurso do questionamento, então, torna desde os versos iniciais o poema como uma obra voltada ao processo que

resultou nas ruínas. A destruição reflete no exercício analítico mediante as indagações acerca do atual estado do rio. Como evidencio na primeira estrofe:

Que sobrou de ti?
 Que outra folha brotar?
 Que rugido ainda escoar?
 Qual verbo manhoso escorrer?
 Rosnar? remar? roçar? sussurrar
 Qual verde? (HATOUM, 2000, p. 16).

Entendo que as mudanças sofridas pelo rio motivam dúvidas e suscitam questionamentos sobre quais serão as relações futuras do homem com esse recurso hidrográfico. Com isso, estabeleço fios condutivos acerca das formas de comunicação e de percepção do homem com os pontos que o cercam. Metaforicamente, os rios são todos e quaisquer meios que se assemelhem ao curso das águas. A água, por sua vez, é um elemento ligado ao senso de purificação. A limpeza que ela proporciona, a renovação e a abundância são exemplos que podem ser mencionados. Não obstante, o fluir das águas é perturbado pelo homem, como causador ou impulsionador de destruição, também se indaga sobre o próximo estágio de contato.

Em seu ensaio, Susana Scramin (2000) aproxima traços de Euclides da Cunha com a escrita de Hatoum. Sobretudo, quando a autora registra sua leitura de *Rio entre ruínas* (2000). Para ela, o movimento duplo de exclusão e de participação no processo de destruição dos entornos do rio, marcado linguisticamente pelo eu que devaneia sobre o episódio, tem uma representatividade com a figura do viajante construída pelo trabalho intelectual euclidiano. Afinal, “para criar um paradoxo tão ao gosto de Euclides da Cunha, é possível dizer que o poema *Rio entre ruínas*, de Milton Hatoum encena a escrita da ruína e a ruína da escrita”. (SCRAMIN, 2000, p. 25).

Nesse sentido, inegavelmente, a linguagem é o meio encontrado para suscitar uma análise acurada dos efeitos e dos percursos das ruínas. Em continuidade, há claras referências ao estilo de Euclides da Cunha (1866 – 1909), para a autora, tecer um poema baseado nas ideias contrastantes daria conta de comprovar o diálogo. Concordo com a ótica da pesquisadora, quando ela afirma que:

[o] rio e o poema já não têm ponto fixo na história. Há nessa imagem descentralizadora uma proposição que aponta para a construção de uma nova linguagem. Linguagem essa que, apesar de traçar seus caminhos à maneira dos pares, quer dizer, em pares que se apresentam por oposição, conduz para um

instante fora do tempo, leia-se fora da história, e do espaço, fora do território estatal, no qual rio e ruínas se encontram (SCRAMIN, 2000, p. 25).

As noções conflitantes pontuadas no pensamento de Scramin (2000) auxiliam na leitura das estrofes subsequentes, principalmente, quando percebo o tom lamurioso, e por vezes preocupado, impresso nos versos. A ausência de um brilho e de um estado apaziguado que o rio outrora possuía, é substituído por uma fase turva, densa e marcada pelas incertezas. As modificações espaciais e temporais indicadas pelos versos da segunda e da terceira estrofe demarcam as proposições interpretativas. Sobretudo, por conta dos levantamentos comparativos da terceira estrofe:

O que de ti era templo
já não rima mais com incenso.
E o que se dizia pulmão ou plumária
se irmana ao latejo de fogo
à semelhança de oásis
à semelhança de país antojo
alojado no íntimo de um continente (HATOUM, 2000, p. 16).

Os pensamentos contrastantes tomam as interpretações levantadas pelas leituras do poema, as referências ao fogo como elemento destruidor cristalizam a análise. Ele funciona como catalisador das transformações no entorno do rio, inevitavelmente, as mudanças externas interferem no curso das águas. Afinal, o leitor é tomado pela passagem antitética estabelecida entre os elementos fogo e água, ambos possuindo uma significação ligada à alteração do atual estado, mas dependendo do ponto de vista, ela pode tomar caminhos distintos. Ainda recorro aos argumentos de Scramin (2000, p. 27) para auxiliar na análise do poema de Hatoum, porque segundo ela,

[é] a Amazônia em chamas que não conhece a justiça social, a lei e o bom senso que nos fazem preservar a vida humana e o meio ambiente. Sob essa floresta, ainda é possível ser encontrada aquela desordem natural de que falava Euclides. [...] A comparação da floresta a um oásis, lugar aprazível inserido num conjunto que é seu oposto, sugere esse sentido de violência da natureza. No entanto, a analogia ao “país de antojo”, sinaliza uma ambigüidade (sic) entre algo suscetível à imaginação e ao desejo e algo que provoca irritação e repugnância. [...] Dessa forma, temos configurada a linguagem do poema cuja feitura se dá a partir de pulsões, de fluxos, dos resíduos do caudal de um rio. Pulsões essas que apontam para as opções políticas de problemas, entradas e saídas, [...] impasses que a linguagem vive politicamente a cada instante, os quais são resolvidos apenas como promessa irrealizável no devir.

Por isso, também concebo o fogo como um elemento promotor de distorções, possibilitando uma espécie de ilusão. As menções são percebidas por conta do uso da expressão *país antojo*, o que se opõe à ideia de oásis mencionada no quinto verso. Aquilo que promovia ar é sufocado com a fumaça que ocasiona o estado caótico trazido pelo fogo como um elemento arrasador. Acompanho o movimento com o uso das palavras e das expressões na ordem disposta: *pulmão ou plumária, latejo de fogo, oásis e país antojo*: um indicativo do atual estado de dispersão dos elementos outrora conectados e bem estabelecidos.

Por sua vez, a quarta estrofe surge com um estilhaço de esperança para a reunião dos elementos divididos, a junção ocorre, mas com os elementos em seu novo estado, o ligamento mediante as interseções entre os fragmentos se dá pelos seus resquícios, como destaque na seguinte estrofe do poema:

Planície e país finalmente se entrelaçam
 não em gravetos ou essência.
 Se entrelaçam em farpas e gaiolas
 como um pássaro que ao voar desaba
 e cai no desconhecido
 cai sobre o mais disforme
 sobre matéria que não é mais única
 que não é plana ou funda
 que não é rio ou relva
 e que já é tudo:
 Maranhão, degelo, Ucrânia (HATOUM, 2000, p. 16).

A estrofe, principalmente, nos versos finais, circunscreve o poder de delimitação das transformações que ocorrem em todos os espaços possíveis ocupados pela existência humana. A imprecisão do rio alegoriza a experiência, tanto no canto mais específico de um dos estados do Nordeste brasileiro, quanto num país separado por quilômetros de distância da Região. A ideia trazida ao poema pelo uso de expressões que indicam incômodo, como *farpas*, e por uma noção de aprisionamento, como *gaiolas*, são capazes de indicar um futuro não muito promissor, com base nas disposições no tempo presente. Ocorre, então, um entrelaçamento dos elementos, a partir disso, é instaurado um estado de desgraça que ocasiona a divagação pela poesia. Por fim, noto que o desfecho das alegorias, gradativamente mencionadas na leitura, ganham consistência na quinta estrofe:

Matéria que pode ser sintoma
 de convulsões da Terra
 de cisão entre homens

da refração do verde
 em cores menos férteis
 em tonalidades pardas
 talvez matizes de sanha
 ou eco de vozes, da água
 do invisível da selva (HATOUM, 2000, p. 16).

A cadência das alegorias criadas pelos versos acompanha um percurso que parte do estado de esboroamento de um rio que já perdeu a capacidade de suscitar sonhos ou admiração. A ideia de eco surge no oitavo verso da quinta estrofe. Ela é presentificada na sexta e última estrofe do poema. Com essa alegoria, inferimos que a destruição continua ecoando, permanece sendo evidenciada e em pleno curso, tal como as águas do mesmo rio devastado. Os dois últimos versos do poema trazem uma construção que alude ao *mais erótico verbo*.

Fazendo uso da construção, rememoro a força envolvida num processo de conquista, marcado unicamente pelo toque humano no envolvimento sexual: o erotismo. Ao mesmo tempo que nas estrofes iniciais percebo um estranhamento ao novo estado do rio, ainda há uma ligação: aqui, delimito o irromper das ruínas como uma nova forma de conexão, o que avalio como um jogo com as palavras de outros poemas lançados no primeiro trabalho literário de Hatoum, como a estrofe que traz à tona questões semelhantes às levantadas anteriormente:

Que outro rio surgirá
 além da superfície
 deste rio feito deserto? (HATOUM, [1979] 2000, p. 22).

O rio que passou por um processo de seca, evoca os tempos pretéritos de um fluxo contínuo de águas, a renovação do rio que nunca cessa de fluir, chega ao momento de seca, a imagem do deserto presente no terceiro verso da estrofe acima, comprova a linha condutiva para a reafirmação dos versos de *Rio entre ruínas* (2000). Apesar da destituição de suas *funções*, esse rio, não mais rio, mas deserto, impulsiona a reflexão e a percepção poética do que está por vir, do eterno instante, ou da agoridade benjaminiana, para reajustar os pressupostos levantados (as vicissitudes das ligações entre aquilo que o filósofo pontuou como a interação entre a pré e a pós-história).

Com isso, o caos instaurado nos versos de Hatoum figura por intermédio de alegorias: fragmentos de funcionalidades anteriores ao desenvolvimento do fenômeno de esboroamento. Sobre isso, em um outro estudo, Scramin (2010) reafirma seus

posicionamentos, após um período de amadurecimento dos seus traços interpretativos de Hatoum. Com base nas suas formulações,

[o] trabalho desenvolvido por Milton Hatoum se insere, com sua disposição em transformar as suas obras em imagens históricas, num complexo âmbito artístico cujo objetivo e resultado se alcançam na percepção do quanto a arte está imersa num processo histórico vital. Mediante esse procedimento, há uma recusa, por parte da obra, em criar mundos paralelos, autônomos e acabados em si mesmos. Nesse complexo âmbito de produção de arte, a consciência do declínio e da decadência é parte constitutiva da noção de tempo histórico. Por isso, não há mais o interesse por noções como as de passado ou futuro (SCRAMIN, 2010, p. 220).

Ao longo das possibilidades de aproximação com as questões poetizadas pelo autor e com os traços levantados pelos estudos críticos de sua produção literária, considero algumas imagens na análise: resalto os jogos poéticos em torno das formas de expressão das ideias de ruínas, de mudança, de destruição e de renovação. As construções, contrastantes ou análogas em muitos momentos, permanecem nos atos poéticos do autor, em uma publicação separada por 40 anos da primeira edição de *Rio entre ruínas* (2000). Friso os pontos a partir das argumentações de Scramin (2000; 2010), porque os elementos movimentadores da condução da análise também integram os versos de *O fim que se aproxima* (2019), poema publicado originalmente no jornal *O Estado*.

No poema, historicamente, separado por décadas, o autor se volta à alegoria tão presente em suas composições, o fogo que destrói histórias, povos e culturas ancestrais; avançando naquilo que trato no texto: o aprofundamento do estado de desgraça humana. Adquirindo características do verso livre, Hatoum oportuniza um denso quadro de regresso na condição catastrófica, por meio de um mecanismo contemplativo. Alude aos mitos gregos e às suas narrativas voltadas à inteligibilidade humana e suas interações com a natureza.

Em *O fim que se aproxima* (2019), o autor equipara o Amazonas a tais mitos, lança, mediante palavras, um discurso de autoanálise de sua figura que ocupa a Terra, marcado pela láurea da perseguição, do descaso e da exploração que não leva em consideração as vivências cosmogônicas dos povos originários. Inclusive, percebo que dos versos, mais uma vez, irrompem questionamentos acerca da fundamentação de atos tão arbitrários, como verifico no sexto, no sétimo e no oitavo verso: “Quem são vocês, / incendiários desde sempre, / ferozes construtores de ruínas?” (HATOUM, 2019, s/p).

No exercício crítico, os versos explicitam a capacidade reflexiva de externalização no espaço geográfico a reafirmação de suas posições. Sobretudo, quando no décimo verso é inserida a ideia de uma visão terrestre externa ao Globo com a ação de projeção de imagens cada vez mais sombrias. Noto referências às mudanças de biomas e das bacias hidrográficas, alterando as cores representativas nos gráficos e nas demais alusões ao planeta Terra: “Os que queimam, impunes, a morada ancestral, / projetam no céu mapas sombrios: / manchas da floresta calcinada, / cicatrizes de rios que não renascem.” (HATOUM, 2019, s/p.).

As provocações poéticas são reafirmadas ao longo do poema, mas a que alcança maior destaque é a problematização de um país diferente. Um jogo simbólico com o hino nacional brasileiro permite conceber um falso patriotismo guiado pelo amor e pelos processos de identificação nacional. Indubitavelmente, o uso de paranomásia, apenas ratifica a percepção. Evidencio, portanto, o recurso poético no décimo sexto verso, com o uso das palavras *armada* e *amada*: “Que triste pátria delida, / mais armada que amada:/ traidora de riquezas e verdades.” (HATOUM, 2019, s/p.).

Sob a alcunha da traição, depreendo que a mesma pátria cria uma trajetória prevista nos versos finais de *O fim que se aproxima* (2019): uma espetacularização do horror e do fim. Mais uma vez, retomo as ideias em volta do ato de ecoar, também presente no poema, como uma relação sinonímica do vazio, do ausente, do presente evadido. Palavras e expressões como *fantasmas* e *agonia seca* ilustram as simbologias movimentadas pelos versos. Assim, a imagem da morte como fim é pontuada como uma chave de associação interpretativa.

A compreensão das teses benjaminianas estabelece uma relação com o caos do progresso – o envolvimento, quase uma participação premeditada, no esboroamento circunscrito pelas imagens levantadas. O que pode ser interligado aos versos finais do poema em análise: “E todos vão escutar, numa agonia seca, / o eco: / Não existirão mundos, novos ou velhos, / nem passado ou futuro. No solo de cinzas: / o tempo-espaço vazio.” (HATOUM, 2019, s/p.). Ocorre, desse modo, a cristalização da noção de ruínas mediante a disposição das cinzas no meio estético: o Antropoceno literário.

Acredito, além disso, na proposição do autor em ir além da noção benjaminiana, para o exercício de uma nova forma de experiência, o seu completo esgotamento – o *tempo-espaço vazio*, ou ainda, como percebo na entrevista do autor concedida a Aídes Gremião Neto (2019): o rio é tomado como *leitmotiv* da vida humana, principalmente,

porque “[n]ão se pode pensar na Amazônia sem a presença da água e da floresta [...], falando do nosso tempo, um rio em ruínas: [...] tudo isso aponta para o trágico, para o fim [...]”. (GREMIÃO NETO; HATOUM, 2019, p. 439).

As reflexões do autor são capazes de servir como ponto de divagação que encaminham não para uma finalização do debate, mas para uma oportunidade de continuidade nas proposições acerca do caráter caótico introduzido na natureza pela presença humana, encontrada numa situação desligada de qualquer preocupação com uma consciência do equilíbrio. O saldo são consequências devastadoras em diversos níveis, aludidos por intermédio de alegorias na poesia de Hatoum e fundamentado pela presença da constituição do Antropoceno na literatura.

Conclusão

As alegorias foram tomadas como recursos literários provedores de alusões ao intenso trabalho envolto na ação do esboroamento: no caso dos fragmentos ensaísticos benjaminianos e na composição dos textos de Hatoum, isso foi evidenciado como um ponto fulcral. O processo resulta na disposição de ruínas capazes de funcionar como uma espécie de rompimento de traços memorialísticos. Entendo que a alegoria é uma forma poética utilizada para expressar diferentes formas de materialidade humana.

Por esse motivo, selecionei como ponto de partida as discussões benjaminianas, afinal, percebi por meio das reflexões do filósofo acerca do estilo de época Barroco, um acúmulo de questões, as quais contam com o suporte do oposto e da visão da destruição trazida pela alegoria – o que materializa as configurações do pensamento dialético. Além disso, o exercício de retomada crítica de outros textos do autor comprova a constelação de diálogos em torno de chaves de leitura da relação homem-natureza, seja em contextos de extrema violência, seja em contato com o meio que o cerca, principalmente com a sua relação com meio ambiente. Suscitando, desse modo, a eleição das ruínas e do processo de esboroamento, diante do *progresso inevitável*.

Por essa razão, noto que se trata de uma espécie de método crítico da linguagem, mediante, por exemplo, o que o filósofo aborda como uma explosão na concepção linguística. Compreendido como uma resposta ou um direcionamento da perspectiva da alegoria: podendo ser a salvação ou a destruição. Assim como ao referenciar os trabalhos

de Scramin (2000; 2010), a noção de temporalidade histórica permeia as discussões daquilo que a autora pontua como a *consciência do declínio*.

Por isso, a retomada do percurso benjaminiano foi imprescindível para que fosse corroborada a função primordial das ruínas na poética pautada na destruição, quer seja como extermínio ou como uma nova modalidade de experiência, a partir do processo de degradação humana e da realidade que cerca os partícipes do projeto em pleno desenvolvimento. Hatoum debruça-se sobre a temática e advém de sua capacidade artística as imagens dos rios fluindo entre o caos e a destruição, das secas e da interrupção de ciclos naturais, o que resulta no completo escarcéu biológico que enfrentamos – a era do Antropoceno, a era do futuro marcado pela intervenção humana, como bem apontou Torres (2017; 2020).

Referências

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e histórias da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, [1984] 2012.

BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. Ed. e Trad. João Barreto. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, [1928] 2020.

GREMIÃO NETO, A.; HATOUM, M. Milton Hatoum: um escritor à espreita da linguagem. *Revista Solettras*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 38, p. 430-443. 2019.

HATOUM, M. Rio entre ruínas. *In: Babel: Revista de poesia, tradução e crítica*. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 16, jan.-abril, 2000.

HATOUM, M. *O fim que se aproxima*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/sustentabilidade/milton-hatoum-escreve-poema-inedito-sobre-destruicao-da-amazonia,c62f45d42b163031991f203de4cd321dfwsxdkyh.html>. Acesso em: 16 nov. 2024.

OLIVEIRA, E. A ruína e a força histórico-destrutiva dos fragmentos em Walter Benjamin. *Cadernos Walter Benjamin*. Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 28-39, 2012.

ROUANET, S. P. Apresentação. *In: BENJAMIN, W. Origem do drama barroco alemão*. Trad., apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasileira, p. 11-47, 1984.

SCRAMIN, S. As ruínas amazônicas. In: *Babel: Revista de poesia, tradução e crítica*. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 23-31, jan.-abril, 2000.

SCRAMIN, S. O livro-mundo. Milton Hatoum e a literatura do presente. *Tereza Revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, v. 10, n. 11, p. 216-235, 2010.

TORRES, S. O antropoceno e a antro-po-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação. *Ilha do desterro*. Florianópolis, v. 70, n. 2, p. 93-105, mai/ago, 2017.

TORRES, S. Mal de arquivo no antropoceno: ecomemória especulativa. *Revista Porto das Letras*. Porto Nacional, v. 6, n. 4, p. 102-121, 2020.